

## O porteiro Raimundo e a quarentena mortífera (XI)

O edifício tem dois porteiros chefes. Primeiro vou falar de Raimundo.

O prédio da Barata Ribeiro pode não ostentar uma arquitetura moderna, mas é um monumento à globalização. Dizem que nos primórdios da Comunidade Econômica Europeia (CEE), antes dela ser criada pelo Tratado de Roma de 1957, foi enviada uma missão “espiã” para o edifício da Barata Ribeiro, onde passei a morar 50 anos depois. Quem me contou isso foi Raimundo. Seu pai era porteiro do mesmo edifício onde hoje ele exerce a mesma ocupação hereditária.

Raimundo, filho de maranhense, anti-Sarney, me conta que o pessoal da CEE alugou uns dez apartamentos, dos 240 apês do meu querido prédio. Na época, ele ainda não era nascido, mas seu pai sempre falava sobre isso, porque tinha sido a melhor época para viver como porteiro de edifício. Nonato (o pai) dizia que era uma maravilha... muita festa, muita putaria, muita delegacia e muita gorjeta... ele se sentia o Rei daquele reino...

Os gringos (uns 20) tinham ido lá no edifício fazer uma pesquisa sobre o convívio de pessoas tão diferentes, de origens tão diferentes, raças tão diferentes, religiões tão diferentes, costumes tão diferentes... Ele não sabe precisar, mas parece que tinha um chefe da missão, um francês, um tal de LeBistrô, que conhecia o Brasil, mas nunca morou no prédio. Desconfiei que era o Lévi-Strauss, mas não há menção ao fato em seu currículo no Google.

Os gringos queriam conhecer aquele negócio maluco pra criar a CEE. Raimundo se entusiasma e diz que seu pai gostava de falar do que era o prédio onde ele viveu a vida toda.

“Seu Domi, lá tinha de tudo. Tinha branco, amarelo, azul, preto, tinha puto e tinha puta, tinha drogado, morador de rua que morava lá de noite, tailandês, chinês, alemão, argentino, japonês, boliviano, muito gaúcho, artista plástico, cantor de boate, traficante de droga, operário, biscateiro, contador, médico, engenheiro, advogado, vereador, deputado, encanador, costureira, manicure, cabelereira, lutador de judô, boxe, jogador de futebol, pescador, colecionador de borboleta, músicos... ‘tô aqui falando pro senhor porque eu anotei tudo pruma redação na escola que pedia ‘pra falar do lugar que você nasceu’. Meu pai me ajudou. Tinha muito cafetão, naquela época era comum, dona de puteiro, meu pai falou que tinha um cara que tinha uma máquina de fazer dólar. Tinha muito dono de boteco, muito português, italiano dono de banca de jornal, tinha uma família de judeus fugidos do Hitler, tinha até paulista. Meu pai diz que viu muita gente conhecida por lá: Cauby Peixoto, João Saldanha, Nelson Rodrigues. Parece até que o Chacrinha passou uma noite lá. Seu Domi, meu pai falou que toda essa gente, morador e visitante, sempre tratou ele com muito respeito e carinho. Inclusive ele fez amizade com um dos gringos que explicou p’ra ele o que que eles estavam fazendo ali. E o cara falou num português enrolado que eles iam embora porque o negócio que eles queriam fazer na Europa só ia dar certo se eles transferissem o edifício da Barata Ribeiro pra Genebra. E como isso era impossível eles estavam tirando o time. Meu pai falou que depois que eles foram embora, o edifício virou zona.”

Fiquei pensando naquele relato preciso e precioso de Raimundo e nos olhamos em silêncio alguns minutos. Aí perguntei: “E agora, Raimundo, na quarentena, o que você está achando disso?” “Uma merda”, respondeu seco. “Tudo igual, gente mascarada, de cara feia, desconfiada, mal-educada.” Ainda ponderei: “mas tem um pessoal legal aí, não tem?” “É, tem, mas esses não saem de casa. Eles não obedecem ao Bolsonaro.”

P’ra não misturar política com amizade, desconversei, joguei o lixo no latão e falei pro Raimundo que se precisasse de alguma coisa era só dar um toque. Quando fui saindo ouvi Raimundo me chamar: “Seu Domi, esse negócio de quarentena está parecendo filme de Durango Kid...”

Depois da máfia chinesa, foi mais uma noite pesquisando na internet... •••